

O DOMINGO

SEMANARIO LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO
COLLABORADO POR ALGUMAS SENHORAS

Proprietaria e principal redactora— D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco.

As assignaturas para a Corte são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno. Para as provincias 5\$ por semestre e 10\$ por anno. Escriptorio da redacção: rua do Principe dos Cajueiros n. 266 sobrado.

O DOMINGO

Rio, 7 de Fevereiro de 1875.



O Marquez de Sapucahy

Mais um vulto desapareceu! E mais uma voz sublime emudeceu para sempre!

Obreiros do porvir, os engenheiros privilegiados lutam, consomem as forças do corpo e do espirito na errecção do monumento que ha de immortalisar o seculo, e de repente, feridos, caem do alto!

E' o destino, é a lei commum!

Na batalha da vida, o invisivel trava de nós, arrasta-nos, e por um combattente prostrado cem novos se precipitam.

O marquez de Sapucahy pagou a divida que a terra não perdoa aos conquistadores da espada, nem aos conquistadores da idéa.

A sua falta assombrou, quasi como um espanto, os que na vespera o tinham visto ainda robusto.

Quem o lamentará? São muitos os talentos festejados, porém, hombros

que possam com o peso das reputações da época que finda, ninguém os des-cobre.

A existencia de Candido José de Araujo Vianna foi uma das mais gloriosas e largas que registram os annaes do Brasil.

O que admiramos mais nelle foi a certeza que teve sempre si, e os progressos maravilhosos do mais acurado estudo, e da mais aturada perseverança.

Araujo Vianna não peccava por vaidade.

Abrasado na sêde da sciencia, despio a farda de ministro com abnegação, e no Conselho de Estado, e na Presidencia do Instituto Historico; prestou muitos e relevantes serviços ao paiz, á sciencia e ao Imperador.

Os ultimos annos da sua gloriosa carreira foram dedicados a applicações engenhosas.

De ordinario os grandes genios procedem assim. Partem do conhecido para o incognito... e a idade e a experiencia rasgam a nuvem, e descobrem o sol até ahi encoberto.

Aqui tem os leitores o que foi o marquez de Sapucahy, que era um grande e illuminado espirito.

E para nós o marquez de Sapucahy teve um grande merito— foi intimo e fiel amigo de nosso Pae! E depois da sua morte continuou a ser o, nosso e de nossos irmãos!

E o marquez de Sapucahy nunca se prostituiu para agradar a ninguém, e nunca deslustrou a sua vida espiri-tual com os enredos mesquinhos da ambição.

Dos cargos eminentes que lhe pesavam sobre os hombros, sempre lhe ficava lazer com que ia meditando a sua dilecta philosophia.

Colono forçado a improbos labores, na terra da corte e do poder, sempre lhe sobejava, dos seus ostentosos misteres, alguma hora em que ia regando, em canteirinho ignoto, a flor mimosa na sua gloria verdadeira.

Foi tão famosa a reputação por elle conquistada durante os longos annos da sua vida, que por erudito sabedor e escripter eloquente, o aclamaram os seus contemporaneos; sobressahindo entre os que maior admiração consagraram ao seu grande engenho, os que de terras estranhas acudiam a visitá-lo, porque podessem, dizer ao voltar á sua patria, que haviam praticado com brasileiro de tanto entendimento.

Na serie dos homens illustres que em todos os seculos tem marchado adiante da humanidade, meneando o facho brilhante do talento; no cortejo esplendido que a civilização se representa personificada pelos vultos heroicos da sciencia e saber, no preterito em que desfilam os scerdots enthu-siastas da razão, a historia concederá sem duvida um logar de honra a Candido José de Araujo Vianna.

NOTICIARIO

A AURORA BRAZILEIRA.—Chamamos a attenção das nossas leitoras para a bellissima poesia da Pma. Sra. D. Adelia Josephina de Castro Rebello, que com este titulo publicamos na secção competente.

Talisman cosaco.—Ao partirem os cosacos para a guerra, levam consigo um saquinho de terra do seu paiz, o qual lhes serve de recordação e talisman, e morrem beijando essa memoria da patria.

Thesouro de S. Marcos.—A riquissimo este thesouro da república veneziana, formado dos despojos de Constantinopla.

Está n'uma sala com quatro portas de ferro que se fecham logo, por uma certa mola, sobre os que lá entram.

Tomou-se este cuidado, em consequencia do roubo que fizeram em 127 o candidato Stramati.

Entre varios e numerosos objectos que ornão o thesouro, taes como: vasos de Agatha, uma finissima saphyra de peso de 16 onças, etc., etc., ha, e é sem duvida o mais precioso e importante, um manuscrito em folhas de pergaminho muito velho, quasi que em pó, que dizem ser autographo do Evangelho de S. Marcos.

As tres ou quatro letras que delle se podem ler são origem para dissertações dos antiquarios.

Dizem uns que são gregas, outros que são romanas, outros que são hebraicas, o que diminue muito o credito de tal singularidade.

Direito d'asilo no Egypto.

—No Cairo durante o dominio dos mamelucos, quando um homem perseguido pela justiça conseguia na fuga tocar na porta que conduzia ao harem e gritava:—*ya ard el harem* (sob a protecção das mulheres), obtinha perdão.

Malvarosa.—E' um arbusto lindissimo de folhas grandes e redondas, que no Brasil dá bellissimas flores todos os annos, flores semelhantes ás camelias, porém muito maiores: de manhã até ao meio dia são brancas, e do meio dia para a tarde tomam a cor de rosa da mais bonita camelia. E' preferido este arbusto pelo beija-flor, que n'elle pousa de continuo.

Sino da infamia.—Ha por traz da casa de commercio da cidade de Hamburgo (uma das mais ricas de todo o mundo) um sino a que chamam: da infamia, o qual toca um dia inteiro quando alli ha alguma quebra fraudulosa, fazendo logo conhecido de todos o nome do fallido.

PARTE RECREATIVA

Innocentes.

I. Todo aquelle que não perder occasião de dizer: « Meus amigos e minha familia fazem de mim o que querem, porque sou um bon-nachão e um innocente » fica declarado velhaco de marca maior e dissimulado.

II. Será declarado innocente-chronico aquelle que escrevendo a uma mulher cartas amorosas, lhe falle do « vulcão de seu peito e da paixão irresistivel que o devora.

III. Todo o autor dramatico que para desembaraçar o emmaranhado argumento de uma comedia, fizer um personagem puchar por uma carta dizendo que a encontrou sobre o cadaver daquelle que fazia o papel de traidor e obrigar o que a ler a exclamar: « Céos! que vejo! »

Será despachado com o titulo de innocente de bastidores.

IV. Ao que, sendo o ultimo a sentar-se a mesa n'um café, d'ahi a pouco chamar o servente com todo o segredo e lhe dar um patacão para se pagar, de tudo o que tiverem tomado os amigos, será alcunhado de innocente, mas em segredo e de maneira que continue na illusão de que não de agradecer a fineza.

V. O poeta que passar a limpo e em papel marcado e assetinado os romances que escrever, imitando letra gotica e enfeitada, fazendo garabulhos a margem, será tido por innocente, e se acontecer que continue a fazer suas composições daquella maneira, sem emendar nem corrigir, sera qualificado como memorialista da innocencia.

VI. A todo aquelle que esperar uma hora pela noiva, soffrendo as inclemencias do tempo, e depois a companhia á casa, abrigando-a com o seu guarda-chuva, e sonhar depois com o amor casto e desinteressado da sua Dulcinéa, póde ser tido por innocente sem mistura.

VII. O artista de qualquer genero que acreditar que as suas obras são as melhores, e que quando ver que duas pessoas fallam em voz baixa estão discutindo o seu merito, « ipso facto » será declarado innocente.

VIII. O gazetilheiro que fizer versos na meza de um café, ou corrija no mesmo logar provas de imprensa, perguntando em voz alta a algum amigo se *Babylonia* é porto de mar, com a mira em que os circumstantes se inteiram de que e escriptor, será declarado innocente.

(Continua)

O riso.

Rir!... todo o mundo ri e todo mundo faz rir!

O riso é um enigma, como o olhar, como o gesto e como a consciencia. Eu me rio, porque tu estás sério; como tu ficas sério quando me rio. Das duas uma; ou a tua seriedade é um idiotismo, ou é idiotismo o meu riso.

Eva nasceu de felicidade: Adão peccou sorrindo de ventura. A innocencia e o crime uniram-se pelo mesmo laço ideal.

O sorriso, o riso, a gargalhada, formaram ao mesmo tempo uma trindade extravagante n'uma só galhofa verdadeira.

O sorriso dos primeiros paes; o riso da creação que os admirava; a gargalhada da serpente que os surprehendia.

Sorriso!... tu és traidor! Riso... tu és falso. Gargalhada! tu sim, tu és verdadeira como a luz!

Sorri quem quer; risse quem deseja; mas gargalha apenas quem está delirante de alegria! A gargalhada é o unico antagonista do homem.

Resistir a um sorriso, a um riso, a uma lagrima, é humano; a uma gargalhada... é homérico.

Para os namorados foi creado o sorriso; para os politicos o riso; para os grotescos o gargalhada.

Ria-mo-nos então! ria-mo-nos, Gargalhemos muito! O leitor gosta a leitora tambem.

Magras e gordas

A magreza representa geralmente a poesia, o sentimento, a delicadeza distincta; a górdura é a prosa, o aborrecimento, o mau gosto, a desconfiança e tédio.

Voltaire era magro; Panurgio era gordo.

Margarida Gauthier, Sapho, Emilia de Girardin, George Sand, Ninon de Lenclos, Dejazet, Augustine Brohan eram magras; eram e algumas dentre ellas continuam a sel-o gloriosamente.

A natureza solicita sempre em distinguir o que é soave do que pesa e nada vale, fez consistir toda a formosura da mulher na magreza.

Uma mulher magra é capaz de sacrificar-se até o delirio por um homem.

A mulher gorda come, a mulher magra petisca.

A mulher gorda não diz que ama a mulher magra declara o seu amor mesmo no modo de negar a existencia delle.

Toda a mulher gorda é desconfiada e exigente; a mulher magra é credula como as creanças.

A mulher gorda gosta de alguem para casar; a mulher magra ama para soffrer.

Uma sonha a outra tem pesadellos.

POESIAS

As estrellas.

Lindas, mimosas saphyras,
Que o véo da noite bordaes,
Dizei-me, estrellas, dizei-me,
Se acaso tambem amais:

Tereis sómente por fado
Luzir, luzir, e não mais?
Não creio, estrellas, não creio;
Sois tão formosas?... amais.

A. LIMA.

Rosa ou estrella

Vi-te gentil e formosa,
Sem que podesse affirmar
Se tu eras branca rosa,
Ou estrella a scintillar.

A principio rosa bella
Te julguei; chamei-te flor;
Logo depois vi-te estrella,
Dêstes-me luz, dei-te amor.

Porém rosa tu não eras,
Qua eu espinhos te não vi;
Sendo estrella não poderas,
Dar-me as fallas que te ouvi.

O que eras pois? Oh! eu creio,
Se é que assim o posso crer,
Que a final de tanto enleio,
Tu eras anjo ou mulher.

Ernesto da Veiga.

A folha secca

Triste folhinha mirrada,
Imagem do meu viver,
Bem retratus minha vida,
Bem exprimes meu soffrer!...

Dize-me, triste folhinha,
Quem teu viço te murchou?
Das mil vidas que vivias
Quem todas mil te roubou?...

Oh! vem dizer-me em segredo,
Linda folha, meu amor,
Dos orvalhos matutinos
Quem te roubou o frescor?

Mas não vens! e ao longe em breve
Te hade o tufão arrojear,
Como tambem irei longe
Nas azas do meu pensar;

Porém lá mesmo distante,
Imagem do meu soffrer,
Comparte comigo as magoas,
Que eu de magoas sei viver!...

D. EMILIA M.

Charadas

Estou na solidão. 1
Pertenco a philosophia. 2
Nome de uma menina
Por quem tenho sympathia.

Sou provincia brasileira
Se accentuares um—
Eu caio da atmosphaera
Se carregada ella esta. 2

CONCEITO

Sou vara, mas não de pao.
Sirvo a bem da humanidade.
Presto-me só para attracção.
O qu'è uma pura verdade.

Francisco P. Lisboa.

A decifração das charadas do n. 57, é: a primeira, — MARIANNA — e a segunda — CAROLINA —.

As do n. 58, é: a primeira — LONGANIMIDADE — e a segunda — SOCEGO.

A decifração do logogripho publicado no n. 57, é: — CAPACIDADE, e a do n. 58, é: — MARCOLINA.

Enigma

U uuuu U S. o
uuuu

A Aurora Brasileira

Quando tu, luso cantor (*)
Na tua lyra dourada
Modulaste com primor
Uma linda madrugada,
Porque dizer não quizeste
Que a aurora que descreveste
No teu canto tão gentil,
E o mar da lisa prata,
Que o arvoredo retrata,
Eram só do meu Brazil ?

Porque dizer não havias
Que esse nascer prasenteiro
De puros, formosos dias,
Era do céu brasileiro ?
D'este céu abençoado,
De bello anil esmaltado
Pela mão do Creador ?
Que lèdo nos apresenta
Na formosura que ostenta
Um milagre do Senhor ? !

Que tem noutes tão formosas
De prateado luar ? !
Que possue manhas de rosas,
E tardes... de arrebatos ? !
Tu, por acaso, ignoravas,
Que a madrugada pintavas
Da minha terra natal ?
Ou cego co'o patrio amor,
Julgaste que esse primor
Era do teu Portugal ?

Vem, no céu do meu paiz,
Ver bella aurora d'estio
Como se mostra feliz,
Como se mira no rio
Vem vel'a mimosa, abrindo
O transparente véu lindo.
Frescas flores espalhar ;
E dos olhos, abundantes,
Ir em per'las, diamantes,
Sobre todas se pensar.

Vem ver nas tranças formosas,
Por leve brisa onduladas,
Treparem candidas rosas,
Violetas delicadas.
Jámais n'esse Portugal
O teu sonho divinal
Realizado gozaste ;
Vem, porque só minha terra
As maravilhas encerra
Do quadro que debuxaste :

Vem ouvir o harmonioso,
O doce canto afluatado
Do sabiá mavioso,
Sobre o raminho pousado.
Vem ver os volateis todos
Festejarem de mil modos,

Com folguedos, com cantares,
A fagueira madrugada,
Que de flores adornada
Perfuma os limpidos ares.

Vem contemplar a lindeza
Deste Brazil tão jucundo ;
Vem ver sua natureza,
Que é a mais bella do mundo.
Vem ver seu sol descoberto,
N'am céu de nuvens deserto,
Deslumbrante de fulgores ;
Vem aqui ver como o Eterno
Mesmo nos dias d'inverno
Veste os campos de verdores.

Diz-me vate portuguez,
Se esse céu do paiz teu
Tem a mesma ninidez
Do americano céu ?
Diz-me se na plaga tua
E' tão diaphana a lua,
Se é tão meiga, tão gentil ?
Se brilha em noutes tão bellas,
Tão opulentas d'estrellas,
Como as do rico Brazil ? !

Se, seu raio iluminado
Por sobre um mar transparente,
Pelas aguas embalado
Se estende tão docemente ?
Se doura o cume dos montes,
Se beija o chystal das fontes
Com tanto enlevo e doçura ?
Se do templo na vidraça
Reflete com tanta graça
A face da luz tão pura ?

Tens nos prados tanto viço ?
Nos fructos tanto sabor ?
Na vida tanto feitiço ?...
No coração tanto amor ?...
Vem, ó bardo, vem azinha
Na mimosa patria minha
A tu'alma extasiar :
N'este clima brasileiro,
Vem sob um céu prasenteiro
Nova existencia gozar.

Vem, pois, sublime poeta,
Ver o meu sólo natal,
Que de Deus a mais dilecta
E' a terra de Cabral.
Vem da minha terra amada
Ver a linda madrugada,
Ver do céu a perfeição ;
Vem contemplar uma lua,
Que sabe mais do que a tua
Responder ao coração.

D. Adelia Josefa de Castro Rebello.